

# REFLEXÕES ACERCA DE UM PROCESSO CRÍTICO DE ENSINO E FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

*Maria das Graças de Oliveira Santiago\**, *Ueslei Solaterrar da Silva Carneiro\*\**

Autor correspondente: Maria das Graças de Oliveira Santiago - [gracasanttiago@gmail.com](mailto:gracasanttiago@gmail.com)

\* Graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestranda em Educação - Faculdade de Educação (UFBA). Coordenadora da Associação Brasileira de Ensino de Psicologia - Núcleo Salvador/BA (Gestão 2016-2017). Membro-diretor da Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP) - Gestão 2015-2017. Vice-coordenadora da Associação de Pós-Graduandas/os da UFBA (Gestão 2015-2016).

\*\* Graduado em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Residente Multiprofissional em Saúde Mental pelo Instituto de Psiquiatria (IPUB/UFRJ).

Quem tem sede, necessita de água limpa; quem tem fome, precisa de comida substanciosa para alimentar o corpo. Mas são tantas as nossas sedes e ambiciosas as nossas necessidades alimentares que é preciso entrar no campo dos desejos e esperanças, das ansiedades e realizações, dos prazeres e desprazeres desta vida, tão severina para uns e tão estrelada para outros. É preciso pensarmos então em como ir além do que está posto; como poderemos seguir viagem rumo a uma Psicologia e Educação contra a barbárie. Nesse sentido, a questão central que se coloca é: de quais instrumentos potentes dispõe o nosso rico saber psicológico para contribuir com o rompimento do instituído e com todas as formas de humilhação social existentes?

Certamente que uma Psicologia afinada com os direitos humanos, civis, sociais, políticos, econômicos, educacionais e culturais, torna-se um poderoso mecanismo de ação em cadeia, capaz de mobilizar pessoas e instituições, rumo a uma vida menos desigual e patológica, com mais justiça e autenticidade. Temos clareza de que esse movimento exige de nós um posicionamento crítico e reflexivo de nós mesmos, da sociedade e das relações que estabelecemos diariamente.

Sustentamos que no normal cabe muita coisa, que a diversidade nos constitui, e que os caminhos libertadores vão muito além do vão idealismo; que estaremos sempre localizados num tempo histórico-social repleto de potências e contradições; que somos apenas uma parte de um todo, de uma sociedade, de uma cultura que demanda altivez de pensamento e ação coletiva.

Esse entendimento nos faz questionar, estranhar, duvidar das coisas, dos hábitos, do que “sempre foi assim”. Brecht,<sup>(1)</sup> com muita insistência, nos pediu

Que diante dos acontecimentos de cada dia, numa época em que reina a confusão, em que corre o sangue, em que o arbítrio tem força de lei, em que a humanidade se desumaniza, nunca digamos: isso é natural! Que sob o familiar, descubramos o insólito. Sob o cotidiano, desvelemos o inexplicável. Que tudo o que é considerado habitual provoque inquietação. Para que nada possa ser imutável.

Para que não nos acostumemos demais; para que nada pareça impossível de mudar, de rever e de transformar. Para que o impossível possa continuar sendo tensionado em suas fronteiras, para que possamos, numa atitude ética e política, continuar dissolvendo barreiras, ultrapassando pontes,

superando desafios, construindo novos horizontes e vislumbrando possibilidades no árido cenário de atitudes humanas reprodutoras de situações de humilhação política e social que potencializam a emergência de sentimentos de desfiliação, vergonha, frustração e apatia.

Essas reflexões nos remetem a um exercício crítico e contínuo de leitura e intervenção da/sobre a realidade. Precisamos saber quando, por quê, para quê, com quem e para quem são direcionadas práticas e saberes aprisionantes; precisamos entender quando começa e como transcorrem os processos que geram situações de sujeição individual e grupal. A Ciência Psicológica, ao considerar as dimensões objetiva e subjetiva da existência, mostra toda a sua potência no trato com questões individuais e coletivas, podendo construir caminhos libertários, repletos de afetos, sentidos, valores e virtudes.

A prática frequente do amor, da compaixão e dos valores nos conduzirá à desbarbarização da humanidade. Entretanto, sem constância em nossas ações diárias, será muito difícil criar e enraizar novas formas de perceber, sentir e viver. É triste vermos tantas pessoas nos consultórios médicos e psicológicos queixando-se de falta de sentido de viver, de desânimo, de depressão, de vontade de pôr fim às suas existências. Devemos estar muito atentas(os) para não tratarmos males sociais como sendo individuais. Isso é medicalização, como nos lembra Foucault. Medicalizar as pessoas e a vida é, antes de tudo, obscurecer um mal maior, a nossa ignorância e insensatez frente ao sofrimento gerado pela sociedade do espetáculo e do consumo desmedido.

Lidar com tarefa tão difícil e tão complexa requer de nós uma sensibilidade apurada e um saber profundo sobre a produção das subjetividades; requer, sobretudo, empatia e comprometimento ético-político com a vida das pessoas, da sociedade e, conseqüentemente, com a nossa profissão. Assim fazendo, nossa prática será capaz de informar e inscrever uma lógica perpassada pela compreensão do funcionamento da estrutura social em que vivemos; pelos afetos e pelo ideal de justiça, pois,

sem acesso aos direitos, toda e qualquer prática profissional dará conta apenas de uma pequena parcela das demandas que afligem a maior parte da humanidade, carente de valores como a tolerância, a cordialidade, a colaboração, o respeito à diferença, a honestidade e a organização de uma só cultura, a cultura da paz.

A cultura da paz nos convida ao exercício pleno da compaixão. A compaixão, como nos lembra o professor Carlos Barros,<sup>(2)</sup> e outros autores, é um sentimento que faz com que a gente se identifique com o sofrimento alheio; baseia-se no respeito e está conectada, necessariamente, ao outro e com a noção de igualdade, tem relação ainda com sentimentos interrompidos, logo

Exercitar a compaixão, mais do que visitar locais de exclusão, hoje, traduz-se na proposta de convidar os injustiçados para compartilhar os espaços comuns, de transformar o mundo que temos no mundo que desejamos, trazendo à tona os sentimentos que acompanham as fantasias reprimidas e interrompidas.<sup>(2:37)</sup>

O professor Gonçalves Filho,<sup>(3:8)</sup> em artigo intitulado *Humilhação social: humilhação política*, nos ensina que

Sofrimentos políticos não são enfrentados apenas psicologicamente, uma vez que são políticos. Mas enfrentá-los politicamente inclui enfrentá-los psicologicamente. A cura da humilhação social pede remédio por dois lados. Exige *participação* no governo do trabalho e da cidade. E exige um *trabalho interior*, uma espécie de digestão, um trabalho que não é apenas pensar e não é solitário: é pensar sentindo e em companhia de alguém que aceite pensarmos juntos.

## QUAL PSICOLOGIA ESTAMOS CONSTRUINDO?

Ao mergulhar neste oceano chamado Psicologia, é possível sentir na pele o real significado do compartilhar, da troca, da dádiva, da comunhão e da luta! Nos faz sentir que “*é preciso estar atentos*

*e fortes e que não há tempo para temermos a morte*”;<sup>(4)</sup> faz-nos sentir e vivenciar que não precisamos ser negros para lutarmos contra o racismo; não precisamos ser gays para lutarmos contra a homofobia; sermos mulheres, para lutarmos contra o machismo. Não precisamos ser... Não precisamos ser... Nós já somos! Somos um... Somos muitos... Somos humanos, demasiadamente humanos!

Manuel de Barros<sup>(5)</sup> dizia ser um apanhador de desperdícios, que dá respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes. Preza insetos mais que aviões. Preza a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis. Tem em si um atraso de nascença. Foi aparelhado para gostar de passarinhos. E que tem abundância de ser feliz por isso. Dizia, ainda, ter um quintal maior do que o mundo. Que, como ele, possamos continuar sendo tocados pela simplicidade das coisas, das necessidades humanas e sociais (expostas ou encobertas) ao nosso olhar, à nossa ação.

Que não cronifiquemos o nosso olhar, não endureçamos o nosso corpo, nem pesemos as nossas mãos; que jamais pensemos saber tudo; que não percamos a capacidade de olhar para a dor alheia com sensibilidade e perspectiva de superação coletiva de todas as formas de subjugação humana. Com Austregésilo<sup>(6)</sup> do “Canto dos Malditos” e em muitos outros sujeitos que viveram por anos nas amarras das grades visíveis e simbólicas, descobrimos que não se morre apenas uma vez, que não se tem sede só de água, nem fome apenas de comida, que “o que nos define não cabe num bilhete de identidade”,<sup>(7)</sup> nem muito menos num cartão eletrônico.

Sabemos que a Psicologia se debruça sobre questões advindas dos universos objetivo e subjetivo do humano, donde visa compreender e responder aos diversos fenômenos da existência. Portanto, nossas práticas devem estar alinhadas às necessidades, particularidades e marcadores históricos e culturais dos contextos em que operamos. A Psicologia que estamos construindo está afinada com a garantia dos direitos humanos e com o aprofundamento da democracia.

Nós psicólogas/os temos o dever de conhecer as políticas públicas que visam à atenção integral dos indivíduos e de suas famílias por meio do acesso aos bens e recursos públicos, e defender a ampla socialização de todo o conhecimento produzido e acumulado pela humanidade à classe trabalhadora, historicamente abandonada pelo Estado e pelas instituições que o compõe.

Desse modo, fazer autocrítica e apontar os limites do sistema educacional e das políticas públicas brasileiras que visam à integralidade da atenção, mas não o fazem, não significa dizer que desacreditamos delas. Não. Significa que estamos preocupadas(os) com o valor real e simbólico que elas assumem em nossas vidas e na vida daqueles que estão à nossa volta. Do mesmo modo que pensar criticamente a Psicologia, demais ciências, métodos e teorias, sinaliza que estamos atentas(os) para o valor e a ética no trato com o conhecimento, os seres humanos e a sociedade em que vivemos. Significa que estamos levando a sério a nossa práxis e o nosso olhar sobre ela.

## COMO ESCUTAR O QUE NÃO É DITO?

Para o encontro com diferentes sujeitos, é preciso a arte, a delicadeza e a perspicácia de um artesão. O contato com diversas histórias e subjetividades constroem em nós a certeza de que não é suficiente ter ouvidos para escutar o que é dito. É preciso ir além, mergulhar nas entrelinhas e perceber o potencial de cada sujeito. A Psicologia deve e pode ofertar esse lugar por meio de uma percepção e escuta socioculturalmente orientada, que responsabilize sem culpar, que não fragmente a realidade e suas múltiplas determinações, que, ao invés de fechar o campo de análise, abra possibilidades de compressão do humano na sua relação consigo mesmo e com o mundo, considerando os avanços e retrocessos produzidos pelo modo de sociabilidade capitalista.

Para o exercício e vivência contínua desse olhar e escuta socioculturalmente orientados, é preciso considerar que somos baianas(os), nordestinas(os), brasileiras(os), latino-americanas(os). Somos um e somos muitos! Voltar às nossas origens étnicas, nossas histórias individuais e coletivas, ao que nos forma enquanto sujeitos nos ajuda a pensar o que queremos ser e a que nos propomos enquanto agente promotor de transformação social. A Psicologia, em seu processo de ensino e formação humana e profissional, precisa produzir e falar para o nosso povo, precisa beber das fontes e raízes locais.

Queremos uma Psicologia que não use acriticamente cópias e/ou modelos pré-fabricados, mas que respeite nossas lutas e conquistas históricas, nossas singularidades. Queremos a valorização do que somos e do que podemos ser a partir da luta contínua que travamos por dentro das instituições democráticas do Estado de direito, todas elas marcadas pela defesa intransigente do acesso e da garantia dos direitos humanos na vida de todos(as) e de cada um(a).

Que bonito seria se todas as áreas da Psicologia, se todas as ciências, pudessem adotar uma perspectiva não burguesa de homem, de mulher e de sociedade! Quanta beleza surgiria se não nos propuséssemos a regular, neutralizar e/ou desconsiderar as diferenças! Seria uma riqueza muito grande se levássemos em conta as questões estruturais que fazem funcionar a programação desejada da competição, da guerra e da pobreza. Assim fazendo, deixaríamos de culpabilizar os indivíduos e suas famílias por suas condições miseráveis de existência, pois estaríamos considerando tudo o que está à nossa volta; estaríamos, pois, abertos a acolher as potências de todos e de cada um!

O fenômeno da desigualdade social é um dos problemas mais complexos da humanidade; requer esforços continuados de diversas áreas do conhecimento e o planejamento de ações e políticas públicas de caráter global, que sinalizem para uma efetiva mudança de paradigma no modo como a examinamos e a enfrentamos. A Psicologia tem o dever de trazer o tema para o centro do debate,

propondo práticas de combate e enfrentamento não apenas dos seus efeitos, mas deve, antes de tudo, focar nas questões macrossociais que fazem funcionar a programação desejada da miséria.

Veio da professora Rosita Barral<sup>(8)</sup> a seguinte frase: “Acredito em uma única ciência, o conhecimento que beneficia a realidade e a vida. Sem isso, jogo fora sem pena!” Esta observação, rigorosamente atual, diz respeito a uma ética profissional que se coaduna com uma educação preocupada em cuidar da formação emancipatória das pessoas e não de uma educação que visa atender às demandas produtivistas e adoecedoras do Banco Mundial.

A formação é o meio pelo qual podemos operar a transformação; é o terreno onde a semente precisa ser plantada, pois mais do que técnicos, precisamos de profissionais inventivos, com pensamento crítico-reflexivo apurado, a bem da igualdade de oportunidades. Mais do que transmissão de conhecimentos, a formação deve ser viva e vivaz para ter enraizamento comunitário, para responder às questões que afligem a humanidade e que impedem a vivência de experiências carregadas de sentido e valor ontológico.

A formação integral pede arte, pede acesso a recursos imateriais, presentes nas relações interculturais e intersubjetivas que estabelecemos diariamente e que nos constituem enquanto sujeitos criativos e autênticos; pede participação e enraizamento comunitário; pede militância em favor da construção coletiva de um saber que se baseia no reconhecimento e enfrentamento das formas sutis de agressividade que se multiplicam, dia após dia. Propor novas relações humanas é propor mudanças nos laços emocionais, nos lembra, novamente, o professor Carlos Barros<sup>(2)</sup> quando defende que a educação para os direitos humanos, para os valores igualitários e libertários precisa ser uma educação psicológica.

Freud foi muito feliz em seus estudos quando nos fez entender que, *em verdade*, não sabemos o que queremos. *Que temos que aprender com os nossos valores o que de fato queremos para nós e para os outros.*

<sup>(9)</sup> Colocar o êxito sobre todas as virtudes é um exer-

cício perigoso e pode nos levar a cometer muitos equívocos, pois o mundo é uma fonte de virtudes.

Ao longo de uma formação humana, é possível realizar muitos encontros, muitos pousos inspiradores. Dentre tantos, ficamos aqui com a liberdade recitada por Castro Alves e sonhada por Mandela, a loucura lúcida e sensível de Estamira, o sertão enveredado por Guimarães Rosa, o povo e o país cantados por Luiz Gonzaga, a intensidade de valores e sentidos existenciais de Maria Bethânia, a simplicidade sábia de Suassuna, o abraço acolhedor das(os) amigas (os)/companheiras(os), assim como os ecos das falas dos nossos educadores.

Professores comprometidos são pessoas que emancipam consciências! São incansáveis vagalumes a piscar incessantemente suas luzes na nebulosa escuridão das dificuldades próprias do processo educativo e das condições de trabalho de que dispõem. Lutam contra a ignorância que resiste ao que é belo e que edifica o espírito humano. Dão sentido existencial às nossas vidas quando reconhecem as desigualdades entre os povos e realizam o compartilhamento do saber produzido e sistematizado historicamente pela humanidade, fazendo do processo educativo “a passagem da desigualdade à igualdade”, conforme teorizou o professor Dermeval Saviani.<sup>(10)</sup>

Se a “A educação supõe desigualdade como ponto de partida e igualdade como ponto de chegada”, é preciso dizer que o aprendiz inicia o seu processo de compreensão da prática social de maneira “sincrética” – *ponto de partida*, em que predomina a incipiência do saber, podendo elevar-se ao mesmo patamar de desenvolvimento dos seus mestres (ou até superá-los em alguns aspectos/momentos), alcançando assim a “compreensão sintética” da realidade – *ponto de chegada*, momento em que se julga capaz de articular *conhecimento e experiência* de maneira elaborada, crítica e reflexiva. Este momento se traduz no que Saviani<sup>(11:57-8)</sup> chamou de *catarse*, entendida na acepção gramsciana de

[...] elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens.’ (Gramsci, 1978, p. 53). Trata-se da efetiva incorporação dos

instrumentos culturais, transformados agora em elementos ativos de transformação social. [...] A elevação dos alunos ao nível do professor é essencial para se compreender a especificidade da relação pedagógica. Daí por que o momento catártico pode ser considerado o ponto culminante do processo educativo, já que é aí que se realiza pela mediação da análise levada a cabo no processo de ensino, a passagem da síncrese à síntese; em consequência, manifesta-se nos alunos a capacidade de expressarem uma compreensão da prática em termos tão elaborados quanto era possível ao professor.

Que assim como os nossos educadores, e muitos outros sujeitos, “*não sejamos poetas de um mundo caduco*”;<sup>(12)</sup> que saibamos reavivar pontes, tecer fios e costurar laços. Que possamos continuar seguindo, para além de toda fragmentação infrutífera das disputas teóricas, por caminhos que nos conduzam à superação de preconceitos e limitações personalistas. Que, mesmo sem saber por onde vamos, nem para onde vamos, saibamos que podemos dizer: **não vou por aí!** quando sentirmos que não poderemos contribuir para a potencialização de modos de existência livres da violência, da subjugação, da opressão, do aprisionamento, da precarização da vida e de uma educação verdadeiramente libertadora, ainda que para isso seja preciso continuar tensionando as “fronteiras do impossível”.

Tensionar as “fronteiras do impossível” é uma atitude política, ética e humana. É dissolver barreiras, ultrapassar pontes, superar desafios; é construir novos horizontes onde jamais se pensou ser possível. O que a Psicologia tem a ver com isso? Tudo! A Psicologia pode e deve contribuir com a mobilização de forças que possibilitem a defesa e garantia dos direitos por meio de um projeto ético-político de profissão. Precisamos inventar e trilhar caminhos que superem as problemáticas macrossociais, em seu cruzamento com o sofrimento psíquico, para poderemos assumir, de fato e de direito, uma postura dialética e dialógica, conectada com a realidade. Afinal,

- Que ciência estamos construindo? *Será que ela está comprometida com as aflições humanas e sociais produzidas pela sociedade do espetáculo?*

- Como a Psicologia trata as questões fundamentais que estruturam a sociedade? *Discutimos laicidade, religião, sociabilidade digital, capitalismo, socialismo, política, economia, mercado, minorias, divisão social, sexual e internacional do trabalho?*

- Quais ideias e propostas desalienantes a Psicologia pode promover, enquanto Ciência e Profissão? *A serviço de que e de quem estão as teorias psicológicas?*

Cabe a cada um(a) de nós, educadoras(es), psicólogas(os) e estudantes que atuam e/ou militam em prol de uma Psicologia que luta para aprofundar a democracia, continuar abrindo caminhos que nos conduzam à superação do capital, meio pelo qual construiremos a cultura da paz. Hoje, mais do nunca, precisamos considerar que a ação humana tem uma fatal causalidade, a bomba atômica e as armas ideológicas. Portanto, defendemos aqui a necessidade de uma teoria sociológica crítica na formação de psicólogas(os) para ampliar a compreensão do funcionamento da sociedade e da relação do indivíduo com esta, sob pena de vivermos subjugados à barbárie.

Defendemos ainda, assim como defende o professor Carlos Barros,<sup>(2)</sup> a importância da Licenciatura em Psicologia, por reconhecermos a potência dos conhecimentos psicológicos nas escolas que tratem de temas como *a personalidade moral, atitudes, valores, ética, empatia, sexualidade, estereótipos, preconceitos, escuta diferenciada, acolhimento, sociabilidade digital, relações ético-raciais, grupais*, dentre outros, de forma clara e aberta na formação de nossos cidadãos desde a educação fundamental. Esta modalidade de ensino ancorase, fundamentalmente, na crença do valor da ciência psicológica na produção de “conhecimentos relevantes para esclarecer, intervir e transformar nossas relações em um sentido oposto ao da barbárie.”<sup>(2)</sup> Barros acrescenta

Se nossa imaginação ainda carrega desse desejo ou ideal de um mundo melhor, baseado em condições históricas concretas, não conseguimos imaginar nada melhor, até então, que uma educação para os direitos humanos que seja psicológica, com con-

teúdos psicológicos na formação básica das pessoas.<sup>(2:39)</sup>

Com o eco das zelosas palavras de Maria Helena Souza Patto,<sup>(13)</sup> pesquisadora que tem dedicado longos anos de sua vida à análise crítica da instituição escolar, da sociedade, do indivíduo e das relações que são produzidas cotidianamente nesses contextos, refletimos sobre o papel da ciência Psicológica na produção de sentidos e de atitudes perante a vida e as pessoas.

A Psicologia tem que buscar outras formas de estar com as pessoas. Ajudá-las a entender o mundo em que vivem e o lugar que ocupam neste mundo, pode ser um instrumento poderoso no sentido de ajudá-las na reflexão. O psicólogo pode ser um desencadeador de uma atividade que pode se dar individual ou em grupo. Intensificar o pensar, os conteúdos do pensar, os bloqueios do pensar [*toda essa matéria psíquica*] para identificar as causas do sofrimento e entendê-las, afirm de que se sofra menos. Não é para adaptar as pessoas, [*é para identificar o real inimigo e sobre ele atuar de maneira estrutural*]. Intensificar o pensar é mobilizar a pessoa inteira. [Grifos nossos]

Mobilizar pessoas e instituições rumo à transformação das estruturas de poder e de subordinação humana e social não é algo simples, por isso não se pode partir do acaso. Mobilizar requer um profundo conhecimento das mazelas que afligem grande parte das populações empobrecidas e marginalizadas; exige análise crítica e reflexiva da realidade; compreensão da superestrutura do Estado no sentido da identificação os pontos nevrálgicos do modo de sociabilidade capitalista e sua forte influência sobre as formas de ser/estar no mundo. A luta pela superação do capital é urgente e inevitável à desbarbarização da humanidade.

## AGRADECIMENTOS

Este ensaio é uma versão ampliada e revisada das reflexões contidas no discurso de formatura em Psicologia - Formação de Psicóloga(o) dos referidos autores. Agradecemos e dedicamos este trabalho à

turma de Psicologia de 2014.2, da Universidade Federal da Bahia, que nos concedeu a oportunidade de construir e compartilhar ideias e preceitos psicológicos que nos são caros. Às professoras Maria Cirlandia Cedraz Santiago e Edinage Maria Carneiro da Silva, agradecemos a valiosa contribuição em várias etapas, tão presente nas linhas e entrelinhas deste e de muitos outros trabalhos.

## REFERÊNCIAS

1. Brecht B. Seleção de poesias, textos e teatro. São Paulo: Dinossauro; 1998.
2. Barros CC. Psicologia e Educação para os direitos humanos. In: Sekkel MC, Barros CC, organizadores. Licenciatura em Psicologia: temas atuais. São Paulo: Zagodoni; 2013. p. 21-41.
3. Gonçalves Filho JM. Humilhação social: humilhação política. In: Souza BP. Orientação à queixa escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2007.
4. Veloso C, Gil G. Divino Maravilhoso. [Internet]. 1968 [acesso em 6 set. 2014]. Disponível em: <http://www.letras.com.br/#!caetano-veloso/divino-maravilhoso>.
5. Barros M. Memórias inventadas – A infância. São Paulo: Planeta; 2003.
6. Bueno AC. Canto dos malditos. Rio de Janeiro: Rocco; 2001.
7. Couto M. Raiz de Orvalho e outros poemas. 3ª ed. Lisboa: Caminho; 2001.
8. Santos RB. Apontamentos de aula ministrada para a turma de graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia. Salvador; 2014.
9. Žižek S. Entrevista no Programa Roda Viva. [Internet]. 2013 [acesso em 20 jan. 2015]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=onWQDyYi9II>.
10. Saviani D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados; 1991.
11. Saviani D. Escola e democracia: Edição comemorativa. Campinas, SP: Autores Associados; 2008.
12. Drummond CD. Poesia completa - Volume Único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar; 2002.
13. Patto MHS. CRP SP - Projeto Diálogos 6. Comunicação oral. [Internet]. 2000 [acesso em 20 jan. 2015]. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=rI\\_VRBaVkl4](https://www.youtube.com/watch?v=rI_VRBaVkl4).